

Capítulo I

Crossroads, Inglaterra

Considerando-se que o lugar tinha, pelo menos, trezentos anos, até que não estava ruim...

Ashley Hunter balançou a cabeça, e uma risada histérica escapou de seus lábios. A quem estava tentando enganar? Nem mesmo Frankenstein ficaria à vontade naquelas ruínas do que outrora fora a hospedaria que sua tia Clare lhe deixara de herança.

Ela deslizou os óculos escuros para o alto da cabeça, julgando que talvez as lentes sujas estivessem afetando sua visão. Mas, não... Esse não era o problema.

— Precisa de um pouco de reforma, mas tem potencial.

Ashley dirigiu à corretora um olhar incrédulo. Entre um monte de pedras e a vegetação que uma vez já havia sido chamado de jardim, a mulher trajando um impecável conjunto azul-marinho e cuja perfeição incomodava Ashley, fitou-a com um sorriso amarelo estampado no rosto de porcelana. Nenhum fio de cabelo fora do lugar, nenhum fiapo de lã na roupa, ela parecia capaz de manter aquela expressão confiante mesmo sob as mais terríveis circunstâncias. De repente, Ashley sentiu vontade de gritar.

Ela, por outro lado, parecia ter dormido com a calça jeans e a blusa amassada. A elegância da mulher a seu lado a humilhava, mas como poderia estar glamourosa depois de ter viajado a noite toda e sob aquele calor insuportável? Tudo o que ela queria no momento era um banho relaxante, mas duvidava de que o lugar tivesse água corrente. Poderia se considerar afortunada se encontrasse ao menos um banheiro decente e um quartinho nos fundos.

A corretora suspirou e teceu seu caminho em torno das ervas daninhas que cresciam entre as espessas ardósias do pátio.

— Ashley, você parece ser boa pessoa, por isso eu serei honesta. Com as regras e regulamentos relativos aos edifícios históricos na

Inglaterra, e o fato de... bem... este lugar ser imenso, talvez você deva considerar vendê-lo como está. Há um interessado.

As palavras atingiram Ashley como cerdas, ao mesmo tempo que despertaram seu interesse.

— Sério? Alguém está interessado?

Ela não tinha certeza do que era mais chocante: alguém estar interessado naquelas ruínas ou o fato de uma agente imobiliária estar sendo honesta.

— Sim — confirmou a mulher. — E ele parece interessado o suficiente para pagar um preço alto. Imagine o que você poderia fazer com o dinheiro... Férias na praia, pagar as contas, comprar um apartamento moderno...

Hesitante, Ashley voltou a atenção para a imensa construção de pedra que havia de alguma forma se imposto naquele local idílico da Inglaterra. O que fora uma casa majestosa sobre uma colina verdejante encimando a cidade histórica agora era um trambolho, grande e feio. Mas, era *seu* trambolho. Por mais tentador que fosse se livrar daquelas ruínas, ela viajara até ali por uma razão que não consistia em aceitar a primeira oferta e ir passar férias no Caribe.

— Obrigada, Sandra, mas acho que vou ficar com a casa... por ora.

Sandra acenou com um gesto discreto de cabeça, francamente desapontada, como se os cifrões desaparecessem diante de seus olhos.

— Pense um pouco mais e me avise se mudar de ideia. A propósito, há uma casa de chá na cidade que oferece ótimas refeições. O nome é B&B. Creio que você terá de procurá-la, porque duvido que o fogão da hospedaria funcione. Ligue-me se quiser o número de alguém para consertar o telhado... — Sandra virou-se e olhou para a casa com ar desolado — ...as paredes, as janelas, a chaminé...

Ashley suspirou e teve de se conter para não interromper a lista interminável que a corretora passou a recitar.

— Bem, então, boa sorte. — Sandra virou-se para ela com um sorriso tão brilhante que faria uma rainha da beleza ficar com inveja.

— Você certamente terá muito trabalho.

Droga, era apenas um imóvel! Ashley tinha a impressão de que Sandra agia como se ela tivesse treze anos, estivesse grávida e tivesse acabado de dizer que assumiria o bebê sozinha.

A corretora vasculhou a bolsa e retirou um cartão.

— Telefone se precisar de alguma coisa.

Ashley guardou o cartão no bolso traseiro da calça jeans e observou a corretora seguir pelo caminho de pedregulhos encobertos pelas ervas daninhas. A mulher entrou no carro minúsculo e acenou em despedida, buzinando antes de desaparecer por entre os olmos que se alinhavam ao longo da estrada.

Ao se ver sozinha, a enormidade da situação recaiu sobre Ashley. O silêncio pesado a sufocou. Ela passeou os olhos pelos escombros dos muros de pedra e pelas fontes secas do jardim que sugeriam a antiga glória do casarão. Agora, nem mesmo os pássaros visitavam aquele lugar deserto que pairava sobre a cidade.

O letreiro “White Horse Inn Pub” havia desaparecido da placa sob a ação do tempo, e a madeira presa por correntes de ferro rangia ao oscilar de um lado para outro, pendurada acima da porta em arco. Sua tia não fora nem um pouco original, Ashley pensou, lembrando-se de ter visto no caminho pelo menos três bares com o mesmo nome.

Que diabos ela estava fazendo ali? Desistira de um casamento que lhe daria uma vida segura e tranquila para tentar decifrar um enigma ridículo, pois não poderia viver sem que tivesse as respostas.

Ashley respirou fundo e tentou se acalmar. Havia tomado uma decisão, e tinha de arcar com as consequências, ponderou, determinada a estudar a situação sob um novo prisma.

Pelo canto do olho, notou um movimento discreto na janela da torre sul. Paralisada, fixou a atenção, recusando-se a acreditar que tivesse herdado algum fantasma inoportuno. Talvez tivesse sido um reflexo no vidro... Sim, fora isso, tentou se tranquilizar, obrigando-se a normalizar o ritmo da respiração. Não havia nenhum fantasma, e sim, apenas um grande, velho e decrépito casarão.

Um trovão ribombou no céu cinzento, como um grande demônio zombando de sua ingenuidade. Sem esperar mais nenhum aviso, ela correu pelo caminho, saltando sobre as ervas daninhas até chegar aos

primeiros degraus da varanda. Um enorme vaso de mármore caído bloqueava a grossa porta de madeira. Galhos ressecados e raízes da planta que outrora vicejava pareciam tentar fugir, atravessando as escadas de pedra. Ela inclinou-se sobre o vaso e empurrou a porta, e um calafrio a percorreu quando as dobradiças rangeram em protesto.

— Isto é como um filme de terror... — ela murmurou para o vazio.

Com um salto ágil, pulou sobre o vaso e atravessou o batente. Uma nuvem de poeira se levantou ao redor de seus pés quando ela pisou no chão de tábuas. Tossindo, ela abanou as partículas que flutuavam no ar.

Ashley vislumbrou na penumbra uma escada que se curvava para o segundo andar. As grossas paredes medievais eram cobertas com lambris de madeira escura. Para deleite dos antigos proprietários, alguém tinha tentado combinar a austeridade medieval com a elegância vitoriana, numa estranha mistura de períodos de tempo. Na certa, os antigos donos haviam contratado Frankenstein para decorar a pousada, ela pensou com uma ponta de humor.

Um imenso candelabro de bronze pendia do teto no saguão vazio. Estava intacto, apesar da passagem do tempo, e gélidos globos brancos refletiam a luz que entrava pela porta. No final do corrimão da escada, a escultura de uma mulher sorrindo com expressão atrevida completava a decoração bizarra.

— Mal posso esperar para acordar aqui todas as manhãs! — ela murmurou com ironia.

Gelada pelo pavor, Ashley olhou por sobre o ombro para avaliar a distância até a porta. As janelas estavam cobertas com grossas cortinas de veludo desbotado, emprestando um sinistro brilho avermelhado à sala. Ela quase gritou ao ver sua imagem refletida num espelho empoeirado que pairava acima do bar de mogno maciço. Armando-se de coragem, deu um passo adiante, estudando seu reflexo. Os cabelos escuros contrastavam com a alvura do rosto. Seus nervos à flor da pele e a falta de sono a faziam parecer ainda mais pálida que de costume.

— Eu compreendo seu estilo de vida, tia Clare, mas... uau!

Mesmo que a hospedaria não estivesse ativa por um longo tempo,

sua tia Clare morava ali até pouco tempo antes. Então, era de se supor que, pelo menos, o casarão estivesse mais decente. Porém, ela estava enganada. Aquele lugar era inabitável!

Balançando a cabeça com desgosto, ela avaliou as mesas e cadeiras antigas empilhadas contra a parede. Estavam recobertas de pó e teias de aranha, mas provavelmente valeriam uma pequena fortuna se fossem limpas e consertadas.

Ashley atravessou a grande sala, o som de seus passos ecoando nas paredes descascadas. O rangido das tábuas do assoalho era o único som que rompia o silêncio reinante na casa.

Ao perceber isso, ela parou no meio do caminho, com todos os sentidos em alerta. Um familiar calafrio arrepiou a penugem de sua nuca, como dedos invisíveis sobre a pele. Fazia tempo que não tinha aquela sensação, mas ela se lembrava muito bem. Como poderia esquecer?

Seu olhar se lançou ao redor da sala, de canto a canto, delineando as sombras. Droga... Deveria ter previsto que teria aquela reação. Afinal, aquele casarão era centenário.

— Olá — uma suave voz infantil ecoou no silêncio.

Com uma risada áspera, Ashley se virou. Se ao menos pudesse ignorar aquela voz... Porém, sabia que seria impossível. Por que não dera ouvidos à sua intuição e não aceitara a proposta de Matt para que fossem felizes para sempre em sua pacata cidade dos Estados Unidos?

Para além do hall, entre as grades na escada, dois grandes olhos azuis a fitavam como o doce olhar de uma boneca de porcelana. No entanto, Ashley sabia que não se tratava de nenhum anjo.

— Você não deveria estar aqui — ela ralhou, mal-humorada.

A menina riu, e o som agudo penetrou dolorosamente em seus tímpanos.

Respirando profunda e calmamente, ela caminhou com passos decididos, determinada a trazê-la à razão.

— Você não pertence a este lugar.

A garota mostrou a língua e correu escada abaixo. Gotículas geladas de suor brotaram na testa de Ashley. Ela congelou, esperando,

atenta ao menor ruído... mas a menina tinha sumido. O único som que se podia ouvir era o de sua própria pulsação frenética.

Ashley se lembrou de respirar, mas congelou novamente quando algo a cutucou nas costas.

Virou-se, tropeçando nos próprios pés. Não havia ninguém atrás dela.

Uma onda de raiva a assolou. Havia trabalhado duro e passado por muitas dificuldades para deixar que um mero fantasma a assustasse, decidiu, procurando na bolsa até sentir o contato frio do vidro de um pequeno frasco.

Os passos leves voltaram a ressoar na escada.

— Eu vou encontrá-la! — ameaçou, assustada com a própria voz ecoando pela casa.

Sem hesitar, ela subiu correndo os degraus.

Ao alcançar o segundo andar, parou e prendeu a respiração para ouvir melhor. Nada. À esquerda e à direita, uma fileira de portas fechadas preenchia o corredor. Levava uma eternidade para vasculhar cada aposento, mas ela não pretendia desistir.

A intuição formigava sob sua pele, sutil e contínua, dizendo-lhe para virar à esquerda. Embora tivesse ignorado seu sexto sentido durante muitos anos, sabia que este nunca a enganara. Cerrou os dentes e começou a percorrer o longo corredor.

O segundo andar era tão decadente quanto o primeiro. Uma passadeira vermelha com estampa de flores amarelas desbotadas lembrava os anos setenta, e não abrandava o sinistro ranger de tábuas nem o ritmo irregular do coração de Ashley. Arrependida, ela ponderou que deveria ter aceitado a oferta e comprado aquela passagem para o Caribe.

Ao se aproximar da porta, tirou a rolha da garrafa minúscula que segurava. Respirou fundo e abriu a porta de supetão.

— Ah! Peguei você!

Com exceção de uma cama e um armário, o quarto estava vazio.

O som de risadas vindo do corredor chamou sua atenção. Ela se virou e viu a menina no topo dos degraus, com a mãozinha roliça pressionando a boca como se estivesse tentando conter o riso.

Contudo, não estava se esforçando muito.

— Muito engraçado — Ashley murmurou sem humor.

Ao caminhar na direção da criança, sua determinação aumentava a cada passo. A menina se manteve impassível, sem se abalar com a ameaçadora adulta.

Ashley apertou os dedos ao redor do frasco.

— Eu não quero você aqui.

Como resposta, a garota mostrou a língua.

Uma onda de calor perpassou todo o corpo de Ashley. A apenas alguns passos da menina, ela ergueu o braço e apontou para a porta no andar de baixo.

— Vá embora, e prometo que não vou machucá-la. — A voz soou mais como um pedido do que uma ordem.

A menina cruzou os braços sobre o peito, ergueu o queixo e deu-lhe um olhar tão desafiador que outras crianças a teriam invejado.

— Eu estou falando a sério — Ashley insistiu. — Você não é bem-vinda. Vai se arrepender se não sair agora.

— Eu não tenho medo de você.

Com um movimento rápido, Ashley jogou o conteúdo do frasco na menina. Para seu desgosto, o líquido caiu inofensivamente no chão. A criança riu de novo e escorregou pelo corrimão, com a saia rodada do vestido de renda cor-de-rosa balançando como um sino.

— Maldição! — Ashley jogou a garrafa vazia, que rolou sobre o tapete antes de bater na parede. Garrafa inútil! Ela deveria ter imaginado que água benta não funcionaria. — Sua mãe não lhe ensinou bons modos? Crianças têm de obedecer aos adultos!

A garota parou no último degrau e arqueou as sobrancelhas douradas em óbvia confusão.

— Não sei. Não me lembro de minha mãe.

Ashley suspirou, e sua raiva evaporou. Era óbvio que não sabia. Eles nunca se lembravam. Deus, ela precisava beber alguma coisa, de preferência alcoólica.

— Tudo bem — contemporizou, tropeçando escada abaixo. — Se você não quer sair, saio eu.

— Eu não vou sair — avisou a menina de dentro da casa.

— Tanto faz. Fique. Mas recuso-me a conhecê-la. Eu não vou olhar para você nem falar com você.

Ansiosa para escapar, Ashley pulou sobre o vaso caído e saiu para a varanda, sentindo conforto no calor dos raios do sol poente.

Sabia que aquilo poderia acontecer, mas esperava reagir melhor. Como era tola! Ainda assim, tinha respostas para encontrar, e não desistiria até que descobrisse a verdade.

— Por quê? — A menina perguntou da soleira. Na claridade, seu brilho desapareceu, transformando-a num pálido reflexo. — Por que você não vai olhar para mim nem falar comigo?

Ashley fez uma pausa na varanda e olhou diretamente nos olhos opacos da criança.

— Porque você não está viva.